

# Construções relativas na língua Shanenawa (Pano)

Gláucia Vieira Cândido<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Ciências Socioeconômicas e Humanas – Universidade Estadual de Goiás (UEG)  
Av. Juscelino Kubitschek, 146, Bairro Jundiáí, Anápolis-GO, Cep 75110-390  
glaucia.v@uol.com.br

**Abstract.** *This work describes Shanenawa language (Pano) relative clauses. In this language the relative clauses are subordinate with external head, that is, out of restrictive clause. In the restrictive clause, the relativized term exerts some syntactic functions: subject, object, adjuncts, among others. In the relativized position marks, it does not have any element (subordinator affixes on the verb, any personal mark type or relative pronome, for example) indicating the "relativization field" that refers to the restrictive clause. So, the relative clauses are formed by the nominal head position gapping. The constituent order is the following: [Matrix Clause [Head +Restrictive Clause]].*

**Keywords.** *Pano Languages; Shanenawa Language; Syntax.*

**Resumo.** *Este artigo descreve as construções relativas na língua Shanenawa (Pano). Nesse idioma, as sentenças relativas são encaixadas e têm núcleo externo, isto é, fora da sentença restritiva. Na sentença restritiva, o termo relativizado exerce várias funções sintáticas: sujeito, objeto, adjunto, entre outras. Quanto à demarcação da posição relativizada, não há nenhum elemento (afixo subordinador no verbo ou um outro tipo de marcador como um pronome pessoal ou relativo, por exemplo) indicando o "campo de relativização" a que se refere a sentença restritiva. Logo, as relativas são formadas por gapping da posição do núcleo nominal. A ordem dos constituintes é a seguinte: [Sentença Matriz [Núcleo + Oração Restritiva]].*

**Palavras-chave.** *Línguas Pano; Língua Shanenawa; Sintaxe.*

## 1. Introdução

Neste artigo, apresentaremos uma breve descrição das construções relativas no Shanenawa, uma língua indígena da família Pano, falada por cerca de 350 pessoas localizadas no Município de Feijó, no Estado do Acre, Brasil.

Para a análise descritiva, buscamos apoio teórico em Comrie (1981:136) para quem, em uma definição funcional, uma sentença relativa consiste, necessariamente, de um núcleo e uma oração restritiva, em que o núcleo "*in itself has a potential range of referents, but the restricting clause restricts this set by giving a proposition that must be true of the actual referents of the over-all construction*".

## 2. A descrição

Em Shanenawa, os falantes costumam organizar os enunciados do seguinte modo: um constituinte da sentença maior (tradicionalmente chamada “matriz” ou “principal”) é relativizado por meio do encaixamento de uma sentença restritiva na sentença maior. Como podemos notar nos exemplos em (1), abaixo, os sintagmas nominais (**nukuhunĩ** ‘homem’, nos três primeiros dados, e **jaju** ‘canoa’, no último) das orações matrizes são modificados, ou seja, seus campos de referência são restringidos pelas sentenças restritivas.

- (1) (a) **Nu = S**  
 [[nukuhunĩ]<sub>Nu</sub> [na-jinan]<sub>Orestr</sub> iwapa-ma-sta]<sub>Omatriz</sub>  
 homem morrer-PAS grande-NEG-?(baixo)  
 ‘[O homem [λ que morreu] era baixo].’
- (b) **Nu = Od**  
 [[nukuhunĩ]<sub>Nu</sub> [in uin-a]<sub>Orestr</sub> u-a-ki]<sub>Omatriz</sub>  
 homem 1ps ver-PAS vir/chegar-PAS-DECL  
 ‘[O homem [λ que eu vi], chegou].’
- (c) **Nu = A**  
 [[in [nukuhunĩ]<sub>Nu</sub> futĩ-a [ia piti pi-a]<sub>Orestr</sub>]<sub>Omatriz</sub>  
 1ps homem encontrar-PAS POSS comida comer-PAS  
 ‘[Eu encontrei o homem [λ que comeu minha comida].’
- (d) **Nu = Adjunto**  
 [[in [jaju]<sub>Nu</sub> ui-a]<sub>Orestr</sub> in kuka-na]<sub>Omatriz</sub>  
 1ps canoa vir-PAS POSS tio-GEN(POSS)  
 ‘[A canoa [λ em que eu vim] é do meu tio].’

No que respeita à demarcação da posição relativizada, notemos que não há nenhum elemento (afixo subordinador no verbo ou um outro tipo de marcador como um pronome pessoal ou relativo) indicando o “campo de relativização” a que se refere a sentença restritiva. Isso nos leva a deduzir que o Shanenawa pertença ao grupo de línguas a que Keenan (1985:146) se refere como aquelas que não costumam marcar o elemento em domínio da relativização. Isto é, não existe um elemento na sentença relativa que expresse o SN relativizado. Logo, nessa língua as sentenças relativas são formadas por *gapping* (lacuna) da posição do núcleo nominal. Este é um comportamento que se diferencia do verificado em outras línguas do mundo como, por exemplo, as da família Tupi-Guarani, dentre as quais citamos o Kamaiurá em que, segundo Seki (2000), a estratégia básica de relativização é a nominalização da oração por meio de afixos nominalizadores apresentados anteriormente. Outro exemplo são as línguas que, como o Português, recorrem a um transpositor (um pronome relativo) para relativizar um termo do enunciado.

Assim, como vimos nos exemplos em (1), no processo de relativização no Shanenawa, embora o constituinte relativizado na sentença matriz seja apagado na sentença restritiva (ou seja: **Nu = λ<sup>1</sup>**), exerce a função de núcleo do verbo encaixado.

Por isso, pode-se dizer que as orações relativas nessa língua são encaixadas e têm núcleo externo (isto é, fora da sentença restritiva). Na sentença restritiva, o termo relativizado pode exercer várias funções sintáticas: **S, A, Od**, adjuntos, entre outras. Os dados apresentados, em (1), ilustram alguns desses casos.

Quanto à ordem dos constituintes nas sentenças relativas do Shanenawa, é possível notarmos uma certa regularidade de ocorrência da ordem em que o núcleo antecede imediatamente a sentença relativa nos enunciados, ou seja: [**Smatriz** [**Nu + Orest**]]. Nesses termos, dentro da tipologia estabelecida por Lehmann (1984), as sentenças relativas da língua Shanenawa podem ser classificadas como pós-nominais com núcleo nominal externo. Isso é o que também parece ocorrer com relativas sem um núcleo expresso no enunciado principal, como mostram os dados:

(2) (a) [in tapian-i [juFa-λ Ftī-a]<sub>Orest</sub> ]<sub>Omatriz</sub>  
 Ips saber-PRES índio matar-PAS  
 ‘Eu sei o que matou o índio.’

(b) [in tapian-i [ in pi-a-ma]<sub>Orest</sub> ]<sub>Omatriz</sub>  
 Ips saber-PRES Ips comer-PAS-NEG  
 ‘Eu não sei o que eu comi.’

(c) [[ in pi-a]<sub>Orest</sub> | aFa-kapa ]<sub>Omatriz</sub>  
 Ips comer-PAS bom-INTENS  
 ‘O que eu comi é muito bom.’

Em termos gerais, portanto, podemos dizer que a estratégia básica ou “normal” (entenda-se: mais usual) de relativização na língua Shanenawa é o *gapping*, além de um certo ordenamento dos constituintes envolvidos no processo de encaixamento, isto é, o SN núcleo (quando há) sempre precedendo a sentença restritiva. Todavia, existem, ainda, outras duas alternativas para se estabelecer a relativização no idioma.

A primeira vale-se da palavra **aska|un** que é uma das poucas conjunções da língua e que, por vezes, também faz o papel de pronome relativo ou de complementizador em sentenças como a que se segue:

(3) Militão-nu kaman-λ kuj a-a, **aska|un**  
 Militão-ERG cachorro-ABS bater-PAS PRO REL (TRPOS)  
  
 fakihu-λ naka-a  
 homem-ABS morder-PAS  
 ‘Militão bateu no cachorro que mordeu o menino.’

Dada, entretanto, a baixa recorrência de construções relativas com o uso de **aska|un**, por ora estamos suspeitando de que os falantes podem estar utilizando essa conjunção no sentido de adequar a estrutura do Shanenawa à da língua majoritária. Vale lembrar que todos os informantes dos dados em análise são bilíngües, estando constantemente em contato com a escrita do Português.

Finalmente, a outra alternativa de relativização no Shanenawa se caracteriza pelo fato de às vezes os falantes repetirem na sentença encaixada o sintagma nominal referente ao domínio relativizado, como sugerem os dados, abaixo, exemplificados:

- (4) (a) [[ ĩn [pĩjĩ-λ]<sub>Nu</sub> uin-i ]<sub>Orestr</sub> juFa [pĩjĩ]<sub>Nu</sub>-ma-ki]<sub>Omatriz</sub>  
           1ps      casa-ABS      ver-PRES      índio      casa-NEG-DECL  
           ‘A casa que eu estou vendo não é de índio.’
- (b) [[[juFa-λ]<sub>Nu</sub> na-a ]<sub>Orestr</sub>      [juFa]<sub>Nu</sub>      j aFa-kapa]<sub>Omatriz</sub>  
           índio-ABS      morrer-PAS      índio      bom-INTENS  
           ‘O índio que morreu era bom.’

Essa estratégia, tal como ocorre com aquela que usa a conjunção **aska|un**, não é muito utilizada. Ainda assim, como atestam os exemplos em (4), parece atender à caracterização de Keenan (1985:152) para esse tipo de sentença. Segundo esse autor, se o núcleo relativizado ocupa na sentença matriz a posição de sujeito ou objeto, é possível que na sentença relativa haja uma repetição literal desse núcleo.

### 3. Conclusão

Neste artigo, descrevemos as construções relativas na língua Shanenawa da família Pano. Em concordância com a definição de Comrie (1981:136), nessa língua, um constituinte da sentença matriz é relativizado pelo encaixamento de uma sentença restritiva na sentença matriz. No processo de relativização, as orações relativas têm núcleo externo (isto é, fora da sentença restritiva). Na sentença restritiva, o termo relativizado pode exercer várias funções sintáticas: **S**, **A**, **Od**, adjuntos, entre outras. Em termos gerais, a estratégia básica de relativização na língua Shanenawa é o *gapping*, além de um certo ordenamento dos constituintes envolvidos no processo de encaixamento, isto é, o SN núcleo (quando há) sempre precede a sentença restritiva. Todavia, existem, ainda, outras duas alternativas para se estabelecer a relativização no idioma, sendo a primeira feita por meio da conjunção **aska|un**, que às vezes também faz o papel de pronome relativo ou de complementizador. Já a segunda alternativa se caracteriza pelo fato de os falantes repetirem na sentença encaixada o SN referente ao domínio relativizado. Apesar de essas duas estratégias não serem muito utilizadas, parecem atender à caracterização de Keenan (1985:152) para esse tipo de sentença, ou seja, se o núcleo relativizado ocupa na sentença matriz a posição de sujeito ou objeto, é possível que na sentença relativa haja uma repetição literal desse núcleo.

---

<sup>1</sup> Abreviaturas utilizadas neste artigo: S, sujeito de verbo intransitivo; A, sujeito de verbo transitivo; Od, objeto direto; Nu, núcleo; Orestr, oração restritiva; Omatriz, oração matriz; PAS, passado; NEG, negativo; DECL, declarativo; 1ps, primeira pessoa do singular; POSS, possessivo; GEN, genitivo; PRES, presente; INTENS, intensificador; NOM, nominativo; ERG, ergativo; ABS, absolutivo; PRO REL, pronome relativo; SN, sintagma nominal; TRPOS, transposição. Símbolo: λ, morfema zero.

---

#### 4. Referências bibliográficas

- COMRIE, B. *Language Universals and Linguistic Typology*. Chicago: University of Chicago Press, 1981.
- KEENAN, E. L. Relative Clauses. In: SHOPEN, T. (ed). *Language Typology and Syntactic Description*. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 141-170.
- LEHMANN, C. On the Typology of Relative Clauses. *Linguistics*, n. 24. p. 663-680, 1986.
- SEKI, L. *Gramática do Kamaiurá*. Campinas: Associação Brasileira de Editoras Universitárias, Imprensa Oficial Editora da Unicamp, 2000.
- SHOPEN, T. *Language Typology and Syntactic Description*. 3 vols. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.